

Incidências da novidade Saussureana no Interacionismo e na Clínica de Linguagem

Incidence of the Saussurean novelty in Interactionism and Language Clinic

Maria Francisca Lier-DeVitto¹

Lúcia Arantes²

Resumo: Este artigo discute o impacto do pensamento de Saussure na proposta Interacionista, em Aquisição da Linguagem, introduzida por Claudia Lemos, bem como na proposição de uma Clínica de Linguagem, por iniciativa de Lier-deVitto. Empreende-se uma leitura crítica das tentativas dos campos em questão de abordar fala de crianças e falas sintomáticas em termos gramaticais. Destaca-se a produtividade do conceito de *la langue*, do Curso de Linguística Geral (CLG), enquanto funcionamento perene e universal, no tratamento da fala. Entende-se que Saussure oferece uma via alternativa ao indicar que no particular de uma fala “há língua” – um funcionamento simbólico que é condição de possibilidade da fala e de haver falante.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; fala; língua.

Abstract: This article discusses the impact of Saussure's thought on the Interactionist proposal, in Language Acquisition, introduced by Claudia Lemos, as well as on the proposal for a Language Clinic, formulated by Lier-DeVitto. Critical considerations concerning grammatical approaches to children's speech and symptomatic speech are undertaken. The productivity of the concept of *la langue*, developed in General Linguistics Course (CLG), stands out as a perennial and universal functioning in the treatment of speech. It is claimed which leads to new trends that indicating that *la langue* is at work in any and every speech manifestation.

Keywords: Language; language acquisition; speech.

Este trabalho procura dar relevo à uma leitura particular e vitalizada da obra de Ferdinand de Saussure, especificamente às incidências da novidade saussureana em outros campos do conhecimento. Daremos destaque às mudanças operadas no Interacionismo em Aquisição de Linguagem e na Fonoaudiologia, sendo que nesta

¹ Professora titular no Departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP). Contato: mf.devitto@gmail.com.

² Professora do Programa de Pós Graduação de Linguística Aplicada e Estudos de Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL/PUC-SP). Fonoaudióloga do Serviço de Patologia da Linguagem da DERDIC/PUC-SP -CER II. Contato: larantes@pucsp.br.

última os efeitos produzidos foram determinantes da proposição de uma Clínica de Linguagem, nela os conceitos axiais que sustentam essa clínica, como o de sintoma, diagnóstico e a própria terapêutica foram reinventados.

De acordo Lier-DeVitto (2018), Saussure introduz nos estudos sobre a linguagem uma nova racionalidade que se faz notar em suas concepções inusitadas de língua e de unidade linguística, bem como na enunciação da língua como o “objeto concreto e integral” (SAUSSURE, [1916]1969, p.15) da Linguística. Ela destaca que Saussure sustenta a supremacia das operações do sistema sobre seus elementos, institui o “significante linguístico” e implica a noção de valor na reflexão sobre a linguagem, “que suspende a ideia sedimentada de que a linguagem “é uma lista de termos que corresponderiam a outras tantas coisas” (SAUSSURE, [2016]1969, p.79).” (LIER-DeVITTO, 2018 p.801)

Esse conjunto de asserções originais, como assinala a autora, que revelam o vigor e o rigor da racionalidade saussuriana sobre a linguagem, promoveu a possibilidade de ampliar as fronteiras da Linguística e, assim, afetar diferentes campos das ciências humanas³. Se na Linguística o trabalho de Saussure foi, em grande parte, reduzido ao gesto fundador e a um conjunto de dicotomias, em campos como a Psicanálise e a Antropologia, por exemplo, ele foi fundamental tanto na leitura que Jacques Lacan empreendeu da obra de Freud, quanto na constituição da Antropologia Estrutural de Lévi-Strauss; a novidade saussuriana promoveu na Linguística um movimento que extrapolou o campo e ressoou de forma produtiva em outros domínios do conhecimento.

Destacaremos neste artigo a produtividade do conceito de *la langue*, do Curso de Linguística Geral (CLG), enquanto funcionamento perene e universal, não só no tratamento de falas de crianças, como também de falas sintomáticas. Vale interrogar, entretanto, como uma ciência que foi estabelecida a partir de uma bifurcação entre língua e fala, e na eleição da primeira como seu objeto pode afetar campos que se voltam para a fala.

Para Saussure a Linguística Científica comporta duas partes, uma essencial, ou melhor, a Linguística propriamente dita, que elege a Língua “cuja realidade é independente da maneira como é executada” e outra secundária, “dependente da

³ Ver, a esse respeito, Dosse, F. (1991): A História do estruturalismo I e II.

execução ... dos que falam”, fica assim em segundo plano tudo o que diz respeito à fala, ao domínio da execução, ao uso da linguagem qualquer que seja a modalidade envolvida: oral, escrita, sinais. Para Saussure é “a língua que faz a unidade da linguagem” (SAUSSURE, [1916]1969, p.18), o que tornou possível toma-la como o “objeto integral” da Linguística, entretanto, ainda que não realizada por Saussure, a atribuição de um estatuto científico à fala estaria, para o autor, condicionada à inclusão da língua.

Assim, mesmo que a Linguística Interna, que recebe o título de ciência da linguagem, atenha-se “à gramática do jogo” da Língua (SAUSSURE[1916]1969, p. 32), é imperativo que toda e qualquer acontecimento linguístico seja a ele referido, em outras palavras, toda a diversidade empírica que envolve a surpreendente assistemática das manifestações da linguagem, entre as quais se incluem as construções faltosas e inesperadas de falas de crianças e, também, as falas ditas patológicas: ocorrências marginalizadas nos estudos linguísticos, dado que não atendem ao ideal da ciência, isto é, que não respondem aos critérios de regularidade, homogeneidade e previsibilidade. (LIER-DEVITTO, 2001; 2005; 2007; 2013; 2018 ARANTES, 2001; 2004; 2007; 2018)

Ainda que neste trabalho tenhamos optado por não abrir espaço para a importância de Jakobson ([1954]1969, 1960) na articulação entre a esfera da Língua e a esfera da fala não poderíamos deixar de registrar ter sido ele quem aproximou o universal do funcionamento da Língua do particular de falas, incluindo no escopo de sua reflexão as afasias, as falas de criança e a poesia. De fato, foi ele quem ressignificou os eixos saussurreanos (sintagmático e associativo) em leis de composição interna da linguagem, nomeadas como processos metafórico e metonímico como destaca Milner ([1978] 2012).

Sobre a relação criança linguagem

O diálogo teórico com a Saussure ([1916]1969 e 2004[2002].) e o consequente reconhecimento da “ordem própria da língua” por De Lemos (1992, 1999, 2002) foi determinante na construção da arquitetura teórica do Interacionismo em Aquisição da Linguagem por ela proposto. A abordagem das falas de crianças na elaboração teórica

do Interacionismo assenta-se na ideia de que no particular de uma fala “há língua” – um funcionamento simbólico que é condição de possibilidade da fala e de haver falante.

O projeto Interacionista⁴, conforme proposto pela a autora, sustentou fortemente, ao longo de sua história, uma crítica vigorosa acerca das tentativas do campo da aquisição de linguagem de apreender falas de crianças em termos gramaticais e à consequente atribuição a elas do estatuto de evidência empírica de um conhecimento linguístico adquirido. (De LEMOS, 1982 1985, entre outros e LIER DeVITTO, 2013)

Em linhas gerais, o Interacionismo em Aquisição da Linguagem, opõe-se tanto às visões empiristas inspiradas na Psicologia quanto ao inatismo de Chomsky. De Lemos propõe que a aquisição da linguagem seja pensada como mudança de relação criança-língua-fala. Note-se que “Interacionismo” adquire aí um sentido particular, qual seja, o de “interação/relação” triádica. O outro vem como instância do funcionamento da língua (LEMOS, 1992) - como “falante”, já que o que importa é sua fala em que nela a língua se movimenta.

A aproximação ao trabalho de Saussure representou uma alternativa à prática de descrição da fala da criança pela via da descrição gramatical. Estabelecer um compromisso com “*la langue*” e considerar as noções **funcionamento e de sistema**, conforme se lê CLG, afastou de forma definitiva qualquer possibilidade de um pensamento “gramatical” sobre a linguagem, e ofereceu a possibilidade de apreender os movimentos enigmáticos presentes nas produções insólitas e heterogêneas das falas de criança. O diálogo com o texto de Saussure foi passo determinante para que fosse encontrada uma alternativa à abordagem da fala, nas palavras de Lier-DeVitto (2013, p.120) “Saussure representou uma saída da descrição” e, prossegue a autora, promoveu a viabilização de “um salto teórico”, uma vez que

la langue e seu funcionamento na fala são implicados na abordagem das falas imprevisíveis e altamente heterogêneas da criança (De Lemos 1992, 2002). Falas que resistem às tentativas de descrições por aparatos gramaticais que

⁴ O Projeto de Aquisição da Linguagem da UNICAMP (1976) foi proposto por Cláudia de Lemos e coordenado por ela até o final dos anos noventa. Depois de Cláudia de Lemos, o Projeto de Aquisição da Linguagem prosseguiu coordenado por Maria Fausta Pereira de Castro e Rosa Attié Figueira. Ambas fizeram parte do primeiro grupo de pesquisadoras do Interacionismo. Além delas, Ester Scarpa, Maria Cecília Perroni e, posteriormente, Glória Carvalho, Maria Francisca Lier-DeVitto.

são cegos por definição, a ocorrências irregulares (LIER-DeVITTO, 2013, p.120).⁵

Questões cruciais, que fazem obstáculo às tentativas de apreender a fala da criança pelo metro da gramática, foram alçadas por De Lemos na construção da teorização sobre a aquisição da linguagem. Entre elas destacam-se três fenômenos que ganharam atenção especial na argumentação da autora. O primeiro, refere-se à incorporação pela criança de fragmentos da fala do outro, acontecimento determinante e disparador da entrada da criança na linguagem, e que indicia o tempo lógico da alienação à fala do outro. O segundo são os erros, as produções insólitas, que dizem da resistência à fala do adulto. Eles apontam para o “não saber” indiciam a separação relativa de todo falante em relação à fala do outro. Erros, que se alternam com acertos e dão destaque ao terceiro fenômeno que faz obstáculo a qualquer tentativa de descrição gramatical: a heterogeneidade das produções iniciais, quer dizer, sua instabilidade e imprevisibilidade.

Como se vê, o ponto determinante em busca de uma leitura alternativa para a fala de crianças foi o reconhecimento da impossibilidade de atribuir aos fragmentos, que vêm da fala do outro e que circulam na fala da criança, o estatuto de instanciação de um conhecimento sobre a língua. Impossibilidade sustentada também pelos erros, interpretados como resultado de cruzamentos/presença da fala do outro nos enunciados da criança. Isso barra a possibilidade de descrição dessa fala. Note-se que os erros expõem tanto um distanciamento/desconhecimento da criança em relação à fala do outro, quanto da própria fala – ela não reconhece a diferença entre a sua fala e a do outro. Desse modo, põem-se em xeque, ao mesmo tempo, a percepção e o conhecimento da criança sobre a língua.

Esses acontecimentos deixam ver a necessidade de afastamento de um pensamento estritamente gramatical na abordagem da fala de crianças, mas ainda assim mantendo o compromisso com a Linguística a partir direção oferecida pelo trabalho de Saussure que forneceu recursos alternativos para trilhar uma nova direção.

Em linhas gerais, no Interacionismo, a aquisição da linguagem é pensada como mudança de relação criança-língua-fala. Sustenta-se que a criança é capturada pela

⁵ Sobre isso ver Arantes (1997, 2001).

língua/fala. O termo captura tem a função de abreviatura, como diz De Lemos (1999, 2002), de processos de subjetivação por efeito da língua que “(1) considerada sua anterioridade lógica relativamente ao sujeito, o precede e coloca a língua como causa de haver sujeito e que (2) considerada em seu funcionamento simbólico, não só o significa como lhe permite significar outra coisa, isto é, para além do que o significou” (ARANTES, 2001, p.73). É importante sublinhar que tanto a ideia de que a criança se apropria da linguagem, tão cara às propostas construtivistas, quanto a de atualização de um saber prévio, como no caso das vertentes inatistas, ficam descartadas.

Os argumentos empíricos⁶ e teóricos da proposta Interacionista (De LEMOS, 1992, 2002, 2007), foram estendidos para as falas sintomáticas, pelas mãos de Lier-DeVitto, que as tomou como proposição problemática tanto do ponto de vista teórico, quanto clínico e pode produzir uma escrita da Clínica de Linguagem⁷. A aproximação ao Interacionismo, entretanto, não foi um gesto de aderência, afinal como diz esta autora “afinidade” não é “identidade”. Aquisição e Clínica são campos com objetos e objetivos distintos, a escrita da Clínica de Linguagem exigiu diálogos com outras áreas, tanto para o afastamento da medicina quanto para recriação de dispositivos clínicos originais voltados para produzir efeitos na fala.

O Interacionismo, ainda que tenha sido fonte teórica de reflexão, foi colocado em posição de alteridade. As categorias ou operadores de leitura, centrais na proposta de De Lemos, tais como interação, mudança, “erro”⁸, sujeito, outro, heterogeneidade e interpretação foram mobilizadas para pensar diferenças.

Sobre falas sintomáticas e Clínica de Linguagem

Falas de crianças e falas sintomáticas partilham um conjunto de características, ambas são imprevisíveis, insólitas e heterogêneas, mas em um aspecto elas se distinguem radicalmente: seus efeitos na escuta do outro produzem um corte

⁶ Sobre isso ver Lier-DeVitto e Andrade (2011).

⁷ Representativo desse movimento é o livro *Aquisição Patologias e Clínica de Linguagem* (2006), traduzido para o espanhol em 2014, na Universidade de Rosário, Argentina.

⁸ As aspas em “erro” assinalam uma *citação* do que se diz da fala da criança no senso-comum e, também, na grande maioria dos trabalhos em Aquisição. Vem *entre aspas* para sinalizar que *erro* é noção problematizada no Interacionismo.

entre “normal” e “patológico”. Se o “erro” da aquisição da linguagem pode ter efeito de chiste e ser tomado como indício de mudança da relação da criança com a língua, uma fala sintomática, de criança ou de adulto⁹, causa outro efeito: o de perplexidade o que leva crianças à clínica (LIER-DeVITTO & ARANTES, 1998; ARANTES, 2007; LIER-DeVITTO, 2003). Há, também, outra diferença crucial, falas sintomáticas se cristalizam numa mobilidade anômala, em composições morfológicas, sintáticas e semânticas perturbadoras¹⁰:

Assim, uma questão central para a Clínica de Linguagem diz respeito à natureza do sintoma na fala, de acordo Lier-DeVitto,

O sintoma diz de uma diferença profunda, de uma marca na fala que, como disse, implica o próprio falante e o isola dos outros falantes de uma língua (Lier-De Vitto, 1999, 2002). Quero dizer que se uma fala produz *efeito de patologia* na escuta do outro, essa escuta tem efeito bumerangue: *afeta aquele que fala*. Da noção de sintoma participam, portanto, o ouvinte, *que não deixa passar uma diferença* e o falante, *que não pode passar a outra coisa*. Assim, o sintoma na fala “faz sofrer” porque é expressão tanto de uma fratura na ilusão de *semelhante* (descostura o laço social), quanto na *ficção de si-mesmo* (Vorcaro¹¹), i.e., de sujeito em controle de si e de sua fala (LIER-DeVITTO, 2005, p. 145, ênfases da autora).

O fato é que as falas sintomáticas nunca foram devidamente problematizadas no Campo da Linguística, não é raro que sejam tratadas como uma empiria neutra sobre a qual se aplicam aparatos descritivos, com vistas a produzir análises linguísticas *stricto sensu* (morfo-sintático, semântico pragmático ou discursiva). Tais procedimentos, quando não higienizam o que é próprio da fala sintomática, localizam o problema, mas não têm recursos seja para descreve-lo positivamente, seja para explica-lo; muitos acabam por circunscrever o sintoma enquanto um *déficit* de linguagem (ARANTES, 2007), como algo que, numa fala, acontece “fora de lugar” (LIER-DE VITTO, 2005). O que se conclui, paradoxalmente, é que existem - seja do ponto de vista gramatical, seja no que se refere à sua adequação ao contexto enunciativo -, formas típicas e atípicas, tanto em falas de crianças “normais”, quanto em falas “patológicas”, o que suspende qualquer possibilidade de realizar, por meio dessas

⁹ Sobre a Clínica de Linguagem com adultos, ver Fonseca, 2002; Marcolino-Galli, 2013 e Catrini, 2019.

¹⁰ Sobre a relação entre o Interacionismo e a Clínica de Linguagem, ver: Andrade (2003); Arantes (2001); Fonseca (2002), Lier-DeVitto (2001, 2003, entre outros)

¹¹ Contribuição de Ângela Vorcaro em exame de qualificação da tese de Suzana Fonseca, no LAEL-PUCSP. Adianto que essa indicação da psicanalista será desenvolvida na referida tese.

descrições, a necessária distinção entre manifestações normais e aquelas ditas patológicas. O fato é que sintoma não é “erro”, logo os parâmetros acerto/erro ou correto/incorreto não cumprem o papel que deles se espera.

O passo em direção ao Estruturalismo Europeu de Saussure e Jakobson ofereceu a possibilidade de uma caracterização positiva das falas sintomáticas, o sintoma deixa de ser visto como violação de regra, ou como manifestação desviante. Implicar as leis de referência interna da língua, na interpretação de materiais clínicos, abriu escuta para a articulação significante, ou seja, para a possibilidade de tomar as falas sintomáticas como combinatórias possíveis do jogo da Língua, isto é: elas são produtos de relações dinâmicas entre os elementos que compõem as cadeias da Língua.

Este resultado é da maior importância porque ele indica que aquilo que, por efeito da aplicação de abordagens gramaticais tinha *existência externa ao campo dos estudos lingüísticos*, pode adquirir o estatuto de *problema interno*, uma vez que pode-se mostrar que falas sintomáticas são *efeitos possíveis e atestáveis do funcionamento da língua na fala* (LIER DEVITTO 2011,p. 61, ênfases da autora).

Em outras palavras, falas sintomáticas ganharam, por efeito da teorização sobre a Clínica de Linguagem, existência interna ao campo da Linguística.

Entretanto, se a densidade significante da fala pode ser abordada por meio do diálogo teórico com o Interacionismo, outros passos foram necessários para que a especificidade do acontecimento clínico fosse apreendida. Se, conforme afirmamos, a distinção erro e sintoma depende diretamente do efeito da fala na escuta do falante é imperativo que seja feita uma indagação sobre o sujeito e sobre a especificidade da clínica. Assim, a psicanálise foi convocada, também numa relação de alteridade.

A proposta interacionista, em sua problematização da linguagem e de sua relação com a Linguística, pode incluir uma reflexão sobre o falante, permitiu, como dissemos, o estabelecimento de uma boa relação com o lingüístico, porque enfrentou “erro” na fala da criança e possibilitou uma discussão sobre o papel do outro nas mudanças operadas na relação do sujeito-língua. Mas a escrita da clínica exigia um passo a mais, era preciso reinventar as instâncias clínicas, tomar distância da Medicina e de uma perspectiva ortopédica que adivinha da relação com este campo. O estabelecimento de uma clínica com objeto definido e com discurso próprio foi a

direção tomada pelos pesquisadores vinculados à linha de pesquisa Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem.

Arantes (2001) mostra que muitos séculos foram necessários para que a Medicina pudesse conquistar seu objeto e, assim, poder chegar ao “reconhecer (a doença) e explicar (a causa)” que definem diagnóstico em seu campo. Este foi também, observou a pesquisadora, o gesto certo de Freud, que ao descobrir/desvendar o inconsciente, fundou uma outra discursividade e redefiniu “diagnóstico” na Psicanálise. Conclui-se que a conquista do objeto é gesto que antecede a circunscrição de um campo clínico.

Sobre esse ponto - a conquista do objeto - Freud e, também Foucault, trazem à luz que a diluição da polaridade normal/patológico está intimamente ligada ao particular de um fenômeno e à sua instituição como objeto: o inconsciente e a lógica própria da loucura, respectivamente. Arantes (2001) aponta para a radical diferença do “diagnóstico” na clínica psicanalítica em relação à clínica médica - diferença que decorre não menos de uma conquista - a do inconsciente, como determinante do sujeito.

De fato, a lição que essas áreas de conhecimento nos dão é a de que a definição de diagnóstico requer considerar a especificidade do que está em foco em diferentes clínicas - requer compromisso com o fenômeno que interroga, em outras palavras, é necessário construir um objeto que interroga o clínico. Entende-se por aí porque a Psicanálise foi mantida em proposição de alteridade, pois ainda que se trate de uma clínica em que a fala ocupe lugar central, vale perguntar se as falas sintomáticas interessam para a Psicanálise. Sobre isso,

Vorcaro (comunicação pessoal) sublinha que a Psicanálise privilegia o tratamento do “mal estar na vida cotidiana” e que focaliza *manifestações do inconsciente na fala*, tais como lapsos e chistes. Falas sintomáticas, porém, admite a psicanalista, são recolhidas como *sinais* de quadros clínicos *sem maior detenção às condições subjetivas ali incidentes*” embora, a determinação subjetiva das manifestações patológicas da fala *não seja negligenciável* (ênfases minhas) (LIER-DeVITTO, 2011, p:62).

Na clínica psicanalítica, o que convoca o clínico é a condição psíquica do paciente, o que interessa à Psicanálise são as formações do inconsciente: os sonhos, os chistes, os lapsos. Na Clínica de Linguagem são falas sintomáticas, trôpegas, cristalizadas como “erro” que mobilizam o clínico seja no diagnóstico, seja no

tratamento. Chamamos atenção aqui para a especificidade das escutas envolvidas numa clínica e na outra.

Procuramos neste artigo iluminar os efeitos frutíferos da implicação da novidade saussureana em dois campos do conhecimento: Aquisição de Linguagem e Fonoaudiologia. Trata-se, a rigor, de incidências que produziram cortes expressivos em relação às áreas mencionadas.

Referências

ARANTES, L. *Diagnóstico e Clínica de Linguagem*. 2001, 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2001.

ARANTES, L. Erro sintomático (ou não): a questão diagnóstica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPURS, v. 39, n. 3, p. 337-345, 2004.

ARANTES, L. Impasses na distinção entre produções desviantes sintomáticas e não sintomáticas. *Patologias da linguagem: sobre as "vicissitudes de falas sintomáticas"*. In LIER-DEVITTO, Maria Francisca. & ARANTES, Lúcia. *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2007, p. 219-226.

ARANTES, L. Efeitos da introdução de *la langue* na discussão do diagnóstico na Clínica de Linguagem. *DELTA*. São Paulo, EDUC, v. 34, p. 909-918, 2018.

CATRINI, M. *Apraxia – Sobre a complexa relação entre corpo e linguagem*. Salvador: EDUFBA. 2019.

De LEMOS, C. T. G. Sobre aquisição de linguagem: e seu dilema (pecado) original. *Boletim da ABRALIN*, v. 3, p. 97-136, 1982

DE LEMOS, C.T.G. Specularity as a constitutive process in dialogue and language acquisition. In: CAMAIONI, Luigia. & De LEMOS Claudia. (orgs.) *Questions on Social Explanation: Piagetian Themes Reconsidered*. Amsterdam: John Benjamins 1985, p. 23-31.

De LEMOS, C. T.G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. *Substratum*, Barcelona: Meldar, v. 1, n. 1 p. 121-135, 1992.

De LEMOS, C. T.G. Native speaker's intuitions and metalinguistic abilities: what do they have in common from the point of view of language acquisition? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, Editora da Unicamp, v. 33, p. 5-14, 1997.

De LEMOS, C. T. G. A criança com(o) ponto de interrogação. In: Regina Lamprecht (org.) *Aquisição de Linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1999. p. 39-50.

De LEMOS, C. T. G. 2002. Das vicissitudes da fala da criança e sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Editora da UNICAMP, v.42, p.41- 70, 2002.

De LEMOS, C. T.G. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca e ARANTES, Lúcia. *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo:EDUC-FAPESP. 2007 .p. 21-32.

De LEMOS, C. T. G. *et al.* Le «saussurisme» en Amérique Latine au XXe siècle. *Cahiers Ferdinand de Saussure – revue suisse de linguistique générale*, Genève, Librairie Droz, S.A. v. 56, p.177-192. 2003.

DOSSE, François. *A História do estruturalismo I: o campo do signo 1445/1966*. Campinas: Editora da Unicamp & Editora Ensaio movimento de ideias/ideias em movimento 1991 [1983].

FONSECA, S. *O Afásico na Clínica de Linguagem*.2002.267f. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Sao Paulo, São Paulo, São Paulo, 2002.

GALLI, J. F M. *A relação memória-linguagem nas demência : abrindo a caixa de Pandora*. 2013.156f. Tese (Doutorado em Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Sao Paulo, São Paulo, São Paulo, 2013.

JAKOBSON, R. Dois Aspectos da Linguagem e Dois Tipos de Afasia. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix. 1975 [1954]. p 34-62.

JAKOBSON, R. Linguística e Poética. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix,1975 [1960]. p. 162-191.

LIER-DeVITTO, M.F. Sobre o sintoma – déficit de linguagem, efeito da fala no outro, ou ainda ...?. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPURS, v. 36, n. 3. p. 245-253, 2001.

LIER_DeVITTO, M.F. Patologias da Linguagem: subversão posta em ato. In VIRGÍNIA LEITE, Nina Virgínia (org.) *Corpolinguagem: gestos e afetos*. Campinas, Mercado de Letras, 2003, p.233-246.

LIER_DeVITTO, M.F. Falas sintomáticas: fora de tempo, fora de lugar. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Editora da UNICAMP v. 47, n.1 e 2, p. 143: 151, 2005.

LIER_DeVITTO, M.F. Patologias da linguagem: sobre as “vicissitudes de falas sintomáticas”. In LIER-DeVITTO, Maria Francisca. & ARANTES, Lúcia. *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo, EDUC/FAPESP, 2007. p. 183-200.

LIER-DEVITTO, M. F. Abordagem de falas sintomáticas: sobre a condição intervalar da clínica de linguagem entre a linguística e a psicanálise. In: SILVEIRA, Eliane Mara. (Org.). *As bordas da linguagem*. 1ed.Uberlândia, EDUFU, 2011. p. 57-67,

LIER-DEVITTO, M. F. Efeitos do pensamento de Saussure na teorização sobre erros e sintomas na fala. In: FIORIM, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci (Org.). *Saussure - a invenção da Linguística*. 1ªed.São Paulo: Editora Contexto, 2013, v. 1, p. 113-134.

LIER-DEVITTO, M. F. Consequências de duas definições de la langue no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure. *DELTA*. São Paulo, EDUC, v. 34, p. 799-813, 2018.

LIER-DeVITTO, M.F & ARANTES, L. Sobre os efeitos de falas de crianças: da heterogeneidade desses efeitos. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, v.33, n. 2., p. 64-72, 1998.

LIER-DeVITTO, M.F & ANDRADE, L. 2011. A abordagem do erro na fala e na escrita: aquisição, alfabetização e clínica, *Anais do SILEL*, v.2, n.2,s.p.,2011.

MILNER, J.C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp. 2012[1978].

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix. 1969 [1916].

SAUSSURE, F. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução de Carlos Augusto Salum e Ana Lúcia Franco. Organização e edição de Simon BOUQUET e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix. 2004[2002].